



CAP-UERJ

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA**

**Disciplina:** Língua Portuguesa (Produção Textual)

**Turmas:** 3B e 3C

**Coord.:**

**Professora:** Angélica Castilho

**Estagiário:** Lindomar de Oliveira Nascimento

**Aluno(a):** \_\_\_\_\_ **n.º:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

**UNIDADE:** romance; palestra (texto transcrito); leitura e interpretação; produção textual; normas e usos linguísticos.

### TEXTO 1

#### O MENINO DO PIJAMA LISTRADO

(...)

"Não estou falando deles", disse Bruno. "Quero saber daquelas pessoas que eu vejo da minha janela. As que moram nas cabanas, lá longe. Estão todas com as mesmas roupas."

"Ah, aquelas pessoas", disse o pai, acenando com a cabeça e sorrindo levemente. "Aqueles pessoas... Bem, na verdade elas não são pessoas, Bruno."

Bruno franziu o cenho. "Não são?", perguntou ele, sem saber o que o pai queria dizer com aquilo.

"Bem, não são pessoas no sentido em que entendemos o termo", prosseguiu o pai. "Mas você não deve se preocupar com elas agora. Elas não têm nada a ver com você. Não há nada em comum entre você e elas. Apenas adapte-se à nova casa e comporte-se bem, é tudo o que eu peço. Aceite a situação na qual você se encontra e tudo ficará muito mais fácil."

"Está bem, papai", disse Bruno, insatisfeito com a resposta.

(...)

(BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2016. p. 52.)

### TEXTO 2

#### O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

SOU UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS. Gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que gosto de chamar de "perigo da história única".

Passei a infância num campus universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que comecei a ler aos dois anos de idade, embora eu ache que quatro deva estar mais próximo da verdade. Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos.

Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade – textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler –, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído.

Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre, porque os personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam

cerveja de gengibre. Não importava que eu não fizesse ideia do que fosse cerveja de gengibre. Durante muitos anos, tive um desejo imenso de provar cerveja de gengibre. Mas essa é outra história.

O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância.

(...)

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriram mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros.

(...)

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com "em segundo lugar".

Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente.

Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.

(...)

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.

(...)

(...) A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.

(...)

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

(Texto adaptado. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p.7-16.)

### **TEXTO 3**

#### **O AVESSO DA PELE**

Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII. Ouviu o professor Oliveira falar sobre como tudo isso tinha começado. Anotou quando ele escreveu no quadro alguns nomes, como, por exemplo, o de Lineu, um botânico sueco que começou a dividir a humanidade em raças de acordo com a origem e a cor da pele: os europeus, os americanos, os asiáticos, os africanos e os malaios. Você

anotou tudo porque estava estupefato. O conhecimento nunca o havia atingido daquela forma. Depois você anotou outro nome: Johann Blumenbach, um zoólogo alemão que seria o primeiro a atribuir cor à humanidade, e que, nos seus estudos, em meados do século XVIII, dividiu os seres humanos em brancos, vermelhos, amarelos, marrons e pretos. Você continua com suas anotações, ninguém interrompe a exposição do professor, alguns porque estão quase dormindo e talvez não se importem com essa história de raça; mas outros, como você, porque estão realmente interessados. Oliveira anota mais um nome no quadro e diz para jamais esquecerem dele: Arthur de Gobineau, o pai do racismo, ele completa. Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele, ele repetiu. Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores científicos para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor. Então, o professor Oliveira projetou um crânio na lousa e perguntou se era possível definir o caráter de uma pessoa apenas olhando para aquela imagem. Se podiam dizer se se tratava de uma pessoa mais ou menos inteligente. Ninguém disse nada, porque não queriam desapontá-lo com alguma resposta idiota. Então, o próprio professor Oliveira respondeu: é claro que não podemos. Mas as teorias racistas dos séculos dezoito e dezenove acreditavam que sim. Entretanto, do ponto de vista científico, seria um absurdo, um engodo, um embuste, ele dizia. (...) Seria um absurdo, continuava ele, porque a comprovação daquelas teorias era completamente arbitrária. Eram teorias que serviam apenas para fortalecer e sustentar o discurso racista da escravidão.

(Texto adaptado. TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 33-34.)

#### **PROPOSTA DE ESCRITA:**

Redija uma **dissertação** de base argumentativa sobre **como a contação de histórias e Histórias se relaciona com a criação de identidades nacionais e com o poder político**.

Sobre o gênero textual **dissertação**, vale ressaltar que é um texto que apresenta uma clara opinião sobre algum tema e possui como base para defesa de tal ponto de vista argumentos, ou seja, a tipo de texto predominante é o argumentativo. Dito isso, o título, a introdução, o desenvolvimentos das ideias apresentadas nesta e a conclusão dos pensamentos expostos precisam se relacionar de forma coesa e coerente a fim de contribuir com a defesa da tese apresentada pelo escritor. Quanto à linguagem utilizada, o registro formal da língua materna é o esperado.

Ao elaborar o seu texto:

Dê um título;

Use registro formal de língua portuguesa;

Utilize pelo menos dois dos textos da coletânea para fundamentar seu posicionamento diante do tema;

Produza no mínimo 30 linhas, e no máximo 32 linhas;

Faça uma letra legível e utilize caneta preta ou azul.



Título: Produção textual: O menino do pijama listrado, identidades nacionais e o poder político.

Use este link para compartilhar ou citar este material: